

VIDA DE SÃO BERNARDO

ESCRITA POR PEDRO DE RIBADENEIRA

Índice Geral

- [PRIMEIRA PARTE](#)
- [SEGUNDA PARTE](#)
- [EPÍLOGO](#)



PRIMEIRA PARTE

Índice

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)



SEGUNDA PARTE

Índice

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)



EPÍLOGO

Índice

CAPÍTULO XIII





VIDA DE SÃO BERNARDO

1090 - 1153

**Escrita pelo Revmo. Pe.
Pedro de Ribadeneira, S. I.**

1526 - 1611

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Na província de Borgonha há um lugarejo, antigamente de pouco nome e estima, chamado Fontaines. Agora, com grande razão, é famoso e célebre, por lá ter nascido São Bernardo Abade, espelho de toda a virtude e retrato de santidade, cuja vida, tirada dos cinco livros que dele escreveram Guilherme, Abade de Bonevaes, e Gofredo, monge de Claraval, companheiro e secretário de São Bernardo, é da maneira que se segue.

No dito lugarejo de Fontaines havia um cavaleiro honrado e virtuoso, de nome Tescelin, bom soldado e também servo de Deus, porque de tal maneira seguia a milícia que não se esquecia da profissão de cristão. Estava casado com Aleth de Montbard, mulher virtuosa, honesta e fecunda, de quem teve seis filhos varões e uma filha. Entre os cuidados da casa e da família não se esquecia Aleth das obras de misericórdia e do temor a Deus. Ao dar a luz a um filho, oferecia-o a Deus com suas próprias mãos e o criava em seus peitos, não tendo necessidade de damas de criação; sendo um pouco mais crescido dava-lhe manjares mais grosseiros para comer, como quem o criasse mais para o ermo do que para o século. Estes foram os pais de São Bernardo, que foi o terceiro filho.

Estando sua mãe grávida dele, viu em sonhos que em suas entranhas havia um cão branco com o lombo vermelho que latia.

Consultando o caso com um servo de Deus, respondeu-lhe este que aquele filho seria um grande pregador e que ladraria contra os maus para guardar a casa de Deus, que é a Igreja, e com a sua língua medicinal curaria muitas chagas de muitas almas.

Nasceu São Bernardo, e sua mãe o criou com mais cuidado do que aos outros filhos, colocando-o o mais cedo possível nos estudos e dando-lhe bons mestres. Era um menino cuidadoso nos estudos, obediente aos mestres e aos pais, afável com todos, amigo do silêncio e da quietude e inimigo da confusão. Resplandeciam nele uma timidez virginal, uma simplicidade e um candor de ânimo mortificado para todas as coisas do mundo. Quando menino, teve uma forte dor de cabeça; trouxeram-lhe uma curandeira para que o curasse; sabendo quem era, levantou-se imediatamente da cama com grandes vozes e expulsou-a dali com grande nojo, tendo-se o Senhor servido disto para restituir-lhe a saúde, por não tê-la querido pela mão daquela mulher, com ofensa sua. Estando em uma noite de Natal na igreja para assistir as matinas e desejando saber a hora em que o Senhor havia nascido, caiu um pouco no sono. Apareceu-lhe o menino Jesus, belíssimo, acima de tudo o que se possa dizer, alegrando-lhe a alma com uma suavidade inefável. Com este presente e favor do céu, começou a entregar-se à contemplação, na qual foi eminentíssimo, tornando-se muito devoto do sagrado mistério do nascimento do Senhor e convencido de que aquela hora de meia-noite em que o havia visto seria a própria em que o Verbo eterno e o terno menino haviam nascido. Quando tinha em mãos algum dinheiro, dava-o de esmola aos pobres, mas com grande segredo, para que não se soubesse das obras de caridade que fazia.

Sendo já rapaz, sua santa mãe morreu muito cristãmente, com não pouco sentimento de seu filho Bernardo, por faltar-lhe a partir de agora aquele seu arrimo e tão importante mestra. Era de boa constituição física e de rara beleza. Seu sangue fervia por causa da mocidade, e as companhias e ocasiões que o tentavam para que soltasse as rédeas de seus apetites eram muitas.

Teve muitas tentações do inimigo e algumas mulheres lascivas lhe armaram laços e o molestaram para que perdesse a grande jóia da castidade; mas, com o favor do Senhor, venceu a todas e conservou aquele dom da pureza celestial que, uma vez perdido,

não se pode recuperar. Certa vez descuidou-se um pouco e pôs os seus olhos sobre uma mulher muito bela, sem perceber o que estava fazendo; quando se deu conta, ficou tão corado e envergonhado de si mesmo que, para envergonhar-se de si e para pagar a pena daquela culpa atirou-se nu em um tanque de água gelada, que estava ali próximo, até a altura da garganta. Era a época do inverno, e São Bernardo estêve ali tanto tempo que com o grande frio quase se extinguiu o calor natural do corpo, e o tiraram já meio morto. Mas com este ato tão fervoroso mereceu que Deus com a sua graça mortificasse a concupiscência da carne e apagasse as chamas do fogo infernal que reina em nossos membros.

Vendo, pois, o santo moço os grandes perigos em que estava, começou a pensar sobre como se livraria deles e sobre como poderia recolher-se em alguma religião como em um porto seguro. Estando a decidir estas coisas, teve grandes tentações e assaltos do inimigo e de seus ministros. Fazia-lhe guerra a flor da idade, propondo-lhe os deleites sensuais e exortando-o a não deixar o presente pelo que haveria de vir. O demônio lhe sugeria que, ainda que caísse em algum pecado, poderia na velhice fazer penitência do mesmo, e que Deus é clemente e misericordioso, como quem conhece tão bem a nossa fraqueza e derramou o seu sangue por nós na cruz. Não faltavam amigos e companheiros que tendo entrado pelo amplo caminho da perdição o exortavam com suas palavras e com seus exemplos a imitar o que eles faziam. O mundo lhe oferecia grandes esperanças de honras e bens, fundadas em sua grande inteligência, suas letras e sua gentil disposição, e seus próprios irmãos e parentes, que em semelhantes decisões são os mais cruéis e perigosos inimigos, eram os que mais atiçavam aquele fogo, alegando que o seu temperamento seria muito delicado para levar a austera e rigorosa vida de religioso, e que por outro caminho mais brando poderia servir a Deus e ser útil às almas sem enterrar os talentos que Ele lhe havia concedido, com os quais, seguindo o curso das boas letras que já havia começado, poderia alcançar o prêmio merecido por sua excelente ciência e virtude, honrando a sua casa, ilustrando a sua pátria e aproveitando ao mundo.

Achou-se turbado e afligido o virtuoso jovem com a confusão de tantos pensamentos e entendeu a cautela com que se devem tratar as coisas de Deus e que não se deve revelar a vocação de

Deus, quando Ele chama à perfeição, senão a muito poucas pessoas, espirituais e escolhidas, como o fez aquele mercador no Evangelho que, tendo encontrado o tesouro no campo, escondeu-o e vendeu quanto tinha para comprar aquele campo e gozar do tesouro que nele havia. Mas ainda que São Bernardo, por tantas partes combatido, esteve vacilante, no fim, favorecido pelo Senhor, rompeu suas cadeias e saiu vencedor. Estando em uma igreja chorando com muitas lágrimas e derramando seu angustiado coração com grandes suspiros na aceitação Senhor, suplicando-lhe que o encaminhasse para o que haveria de ser para o seu maior serviço, foi iluminado pela luz do céu e, fortalecido com a sua graça, determinou-se a militar sob o estandarte da cruz como valoroso soldado e a chamar e trazer consigo todos o que pudesse para aquela gloriosa conquista. Fê-lo de tal maneira que ganhou para Deus um tio seu, irmão de sua mãe, que se chamava Viderico, grande soldado, rico e senhor de um castelo, com o qual abriu caminho aos demais, e logo o seguiram Bartolomeu e André, os dois irmãos menores de São Bernardo; o mesmo fizeram em seguida Guido e Gerardo, os dois irmãos maiores. Deste modo ficou só o menor de todos os irmãos, de nome Eduardo, a quem lhes pareceu que seria bom deixá-lo no século para o consolo de seu pai, que já era idoso, e para o governo da casa e dos bens que possuíam.

Decidiram todos os irmãos de São Bernardo, seu tio e mais outros trinta que o seguiram, que ingressariam na na religião de Cister, que pouco antes havia sido fundada pelo venerável abade Roberto sob a regra de São Bento e confirmada pelo Sumo Pontífice no ano do Senhor de 1098. Esta tinha um só mosteiro no interior de um bosque afastado. Pelo grande rigor da vida e do retiro que nela se observava, havia muito poucos que quisessem abraçá-la. Foi este lugar que São Bernardo, seus irmãos e os outros companheiros escolheram para se entregarem verdadeiramente a Deus em perfeita humildade e desprezo do mundo.

Aconteceu, porém, que Guido, o irmão mais velho, certo dia encontrou pelo caminho Eduardo, o menor de todos os irmãos, que se entretinha com outros amigos, e lhe disse:

**"Eduardo,
fica com
Deus;
nós
vamos
para o
mosteiro
e te
deixamos
como
herdeiro
de todos
os
nossos
bens".**

Ouvindo estas palavras respondeu o menino, não com juízo de menino, mas de sábio ancião:

**"Pois
então
vós
ficais
com o
céu e
para
mim
deixais
a terra?
Não é
boa esta
partilha".**

E assim, depois de alguns dias, também ele seguiu a seus irmãos e ingressou no mosteiro, onde foram todos recebidos no ano do Senhor de 1113, para grande consolação do abade Estevão, que havia sucedido a Roberto, e dos poucos monges que com ele estavam e que, com grande esperança, aguardavam que Deus lhes daria copiosa e feliz descendência e que por todo o mundo se dilatariam os filhos daquela casa, conforme uma

revelação que pouco antes havia recebido um daqueles santos monges, como adiante se verá.

Aquela sagrada religião não somente cresceu pelos insignes varões que teve, como também pelas santas monjas que tiveram seu princípio de um mosteiro que por ocasião da entrada de São Bernardo e de seus trinta companheiros lhes havia sido construído. De fato, como alguns deles eram casados e suas mulheres, para que o Senhor fosse melhor servido, haviam dispensado seus maridos do vínculo conjugal e queriam também elas oferecerem-se em holocausto ao Senhor, para recolhê-las, por solicitação de São Bernardo, construíu-se um mosteiro na paróquia Linganiense, que se chama Villetto. Deste mosteiro, que foi muito célebre na religião e santidade e, com o tempo, muito abastado de riquezas e posses, como que de uma raiz e planta, estendeu-se o fruto por outras partes.





CAPÍTULO II

São Bernardo iniciou seu noviciado na idade de vinte e três anos, começando com tão grande aplicação e cuidado para com o aproveitamento que não parecia que começava, mas sim que acabava. Tinha sempre no coração, e muito freqüentemente também na boca, estas palavras:

***"Bernardo,
Bernardo,
para que
vieste à
religião?"***

Entregou-se tanto a mortificação, não só dos afetos interiores e das paixões desordenadas, como também dos sentidos exteriores, que parecia que não os usava senão para o estritamente necessário. Via e não via, comia e não comia, dormia e não dormia, tanto estava ele absorto e transportado em Deus. Havia estado um ano inteiro na sala de noviços, mas não sabia se o teto era abobadado ou de madeira e, havendo entrado na igreja muitas vezes, a qual tinha muitas janelas, julgava que não havia nela senão apenas uma. Tinha a carne tão sujeita e submetida ao espírito que mais parecia estar morto do que mortificado. O silêncio, perpétuo; o riso, raríssimo e em extremo modesto, dado com razão para não parecer demasiadamente austero; o hábito, pobre, grosseiro e vil, mas limpo, porque, ainda que fosse amigo da pobreza, não o era da pouca limpeza. Dirigia-se às refeições como a um tormento, e só a memória da comida já o enfasiava. Desgostava-se com o sono por julgá-lo uma semelhança da morte e quando, forçado pela necessidade, concedia-se algum descanso, este era tão superficial e leve, que a nenhum outro, senão a ele, poderia ser suficiente. E quando via algum religioso dormindo mal composto ou roncando, ressentia-se e dizia que dormia como secular e não como religioso. Com os inúmeros jejuns e vigílias, com a extrema penitência e com a austeridade da vida que levava, estragou-se tanto o seu estômago, que o pouco que comia não podia mais retê-lo e, se algo ficava, era mais para dilatar-lhe a morte do que para sustentar-lhe a vida. Veio a perder o paladar de tal maneira

que algumas vezes, por descuido de quem o servia, comeu óleo cru no lugar da manteiga e bebeu azeite em vez de água, sem que se desse conta. E mesmo com tão pouca saúde, nunca foi possível convencê-lo de que nos trabalhos da comunidade admitisse alguma dispensa; antes, sendo já professo, socorria os noviços e pensava e dizia que os demais eram santos e perfeitos, pelo que podiam receber alguma dispensa, mas que no que lhe dizia respeito, como imperfeito e principiante que era, não lhe convinha senão rigor e estreiteza.

Isto foi de tal maneira que se os monges se ocupavam com algo que ele não soubesse fazer, compensava-o tomando naquele mesmo momento outra ocupação de igual ou maior trabalho e mais vil e humilde. Certa vez os monges foram por obediência ceifar em uma propriedade do mosteiro, e a ele impuseram que descansasse por causa de suas poucas forças e porque não sabia fazer o trabalho; pediu então ao Senhor que lhe concedesse a graça e a habilidade de ceifar; e Deus atendeu-o, concedendo-lhe esta graça com tamanha abundância, que acabou por se avantajarem aos demais, e por toda a sua vida durou esta graça, com a admiração dos monges e por muito gosto seu pela devoção que sentia ceifando, recordando-se da mercê que o Senhor lhe havia feito.

Sendo São Bernardo tão mortificado, sua carne tão sujeita ao espírito e o espírito tão recolhido, tão interior, vivendo sempre dentro de si, veio a ser como um espelho limpo e lustroso para receber os raios da divina sabedoria. E assim não só alcançou um perfeitíssimo hábito de oração e meditação, como também um altíssimo grau de contemplação passiva, pela qual, alienado dos sentidos e das obras exteriores, derretido e empapado em uma suavidade inefável com um silêncio profundo e com abraços castíssimos, unia-se ao o Sumo Bem. E o Senhor o regalava num grau tão alto que uma vez, estando de joelhos diante de um crucifixo, o próprio crucifixo estendeu o braço e se curvou sobre ele, abraçando-o e acariciando-o com sumo amor. Nas próprias obras exteriores constituía coisa admirável o modo como chegou, por singular privilégio do Senhor, a ocupar-se de tal modo no que fazia ao mesmo tempo em que tratava interiormente com Deus. São Bernardo não era daqueles que, com o pretexto de entregar-se a contemplação, fogem do trabalho, ou que pelo seu gosto particular deixam o bem comum; antes, juntava a ação com a contemplação e antepunha

as coisas publicas ou de obediência às suas próprias e voluntárias. Mas quando se achava livre e sem obrigação de acudir às coisas comuns e de obediência, desaparecia e mergulhava de tal modo na consideração das coisas invisíveis como não se tivesse sentido nem memória de coisa alguma da terra. Caminhou certa vez um dia inteiro ao longo do lago de Lausanne e à noite, comentando seus companheiros sobre aquele lago, admirou-se, afirmando firmemente que não havia visto e nem sabia que lago se tratasse. Outra vez, indo falar aos padres da Cartuxa, emprestaram-lhe um cavalo bem adestrado e com um arreio curioso; e como o Prior da Cartuxa tivesse reparado no aparato que o cavalo levava, dirigiu-se ao santo para avisá-lo e ele, abrindo os olhos para ver o que antes não havia visto, disse que ele também estava admirado e com grande sinceridade confessou que não havia reparado naquilo. De onde se vê o quão concentrado e absorto andava sempre este santíssimo homem, não só dos exercícios corporais, como também em outros negócios de muita importância, nos quais parecia impossível não distrair-se das coisas divinas. O mesmo se pode dizer da doutrina de São Bernardo, porque costumava ir ao campo e aos bosques tratar familiarmente com o Senhor para receber raios e luz do céu, e na oração e na meditação penetrar os altíssimos mistérios da teologia. E costumava dizer, pela graça, aos seus amigos, que o pouco que sabia das Sagradas Escrituras, o havia aprendido meditando e orando nos campos, sem ter outro mestre que não as musgo e faias. Mas esta ciência da Sagrada Escritura, que ele dizia que era pouca, foi um dos raros e eminentes dons que recebeu; porque tinha tão assimiladas todas as palavras e sentenças dos livros sagrados que, quando falava, escrevia ou pregava, era a Sagrada Escritura, não como quem a cita, mas como quem a havia ruminado, digerido e convertido em si. E o próprio santo confessou algumas vezes que, orando, havia visto a Sagrada Escritura como declarada e exposta diante de si. Mesmo assim, não por isto deixava de ler e de estudar com grande cuidado as interpretações dos padres e santos doutores, sem igualar-se com eles e fazendo-se de mestre, mas sim, como humilde discípulo, sujeitando-se com modéstia ao que eles haviam escrito e seguindo com grande acerto o exemplo que eles nos deixaram, como em suas devotíssimas obras se pode ver.





CAPÍTULO III

Tendo, pois, estado algum tempo esta luz divina e resplandecente escondida, quis o Senhor colocá-la no candelabro para que iluminasse a todos os de sua casa, e inspirou o abade Estevão para que edificasse um mosteiro em Claraval e que o seu abade fosse São Bernardo, que era ainda jovem e de pouca saúde e não acostumado a tratar com seculares em semelhantes ocupações.

Claraval era um lugar próximo ao rio Alba, no território de Langres, antigo covil de ladrões e de salteadores. Chamavam-no de Vale dos Absintos, seja porque ali havia muitos, seja pela amargura dos que caíam nas mãos dos ladrões. Aqui se fez o novo mosteiro, que foi como que a primeira colônia e povoação que saiu de Cister.

São Bernardo procurou o quanto pode não ser superior de ninguém, mas sujeito a todos; no fim, porém, curvou a cabeça à obediência, considerando especialmente que para lá não se dirigia a passeio, mas a trabalho. O mosteiro não tinha fundação, a casa era muito fria, estreita e mal acondicionada, de modo que os padres que à fundaram passaram por grandes necessidades, fome, sede, frio e falta de roupas. A comida era de folhas de faia cozidas; o pão, de cevada e milho; tão áspero, que um religioso que foi hóspede levou consigo um daqueles pães para mostrá-lo como milagre, julgando como tal que os que o comessem pudessem viver.

O procurador da casa era Gerardo, irmão do santo, o qual, vendo a extrema pobreza que os religiosos padeciam e não encontrando maneira de remediá-la, foi até São Bernardo e lhe expos as necessidades do convento e que, pelo menos, seriam necessárias onze libras de soldo para sustentar o convento e não percessem os monges. Animou o santo ao procurador, seu irmão, e feita a oração, logo bateu à porta uma mulher que, deitando-se aos seus pés, entregou-lhes uma esmola de doze libras, suplicando que encomendassem seu marido à Deus, por estar gravemente doente. Agradeceu o santo a esmola e disse à mulher que, voltando para casa, encontraria curado o seu marido, como realmente o achou ao chegar. Aproveitando-se

deste fato, o abade repreendeu suavemente a pusilanimidade do procurador e aqueles religiosas aprenderam a confiar em Deus, que nunca desampara aos que realmente O servem.

Tinha-se São Bernardo por indigno de que Deus se servisse dele para a salvação das almas, mas a grande caridade que ardia em seu peito o fazia esquecer-se de sua indignidade e dava-lhe grandes ânsias de buscar e procurar a salvação de seus próximos. Pôs-se uma noite a considerar isto na oração, e teve uma visão em que parecia-lhe que de todas as partes, por aqueles montes, vinha um grandíssimo número de homens, de diversos estados e hábitos, e que baixavam ao vale onde estava seu mosteiro, de modo que não caberia toda aquela gente naquele lugar. O significado da visão foi manifestado pelos fatos na multiplicação dos religiosos que militaram sob este grande patriarca e dos muitos e ricos mosteiros que em tantos lugares se fundaram pela sua mão. Entre os que vieram tomar o hábito, para maior consolação de São Bernardo, um dos primeiros foi Tescelin, seu pai, que fazendo-se filho e irmão em espírito daquele que havia engendrado segundo a carne, entrou no mosteiro e concluiu santamente sua peregrinação. A irmã, a única que permanecia no mundo, casada com um homem rico e entregue às galas e pompas da terra, tendo chegado ao mosteiro muito enfeitada e acompanhada para ver seus irmãos, ficou confusa quando soube que não a queriam ver; ouvindo as palavras de vida que lhe disse São Bernardo que, vencido pelos prantos e lágrimas que derramava, acabou saindo para vê-la, transformou-se e de tal maneira que converteu todo o cuidado que antes punha em embelezar e enfeitar seu corpo para embelezar a sua alma e enriquece-la com obras de penitência e de piedade, e isto com tão grande fervor que seu próprio marido, ao fim de dois anos, concedeu-lhe licença para entrar no convento das monjas de Villetto e consagrar-se ao Senhor, onde perseverou santamente e entregou seu espírito a Deus.

Mas não deve causar tanta admiração que Deus Nosso Senhor trouxesse tantos homens de tão diferentes estados e condições para que O servissem em um gênero de vida tão rigoroso e perfeito sob a regra e instituição de São Bernardo, quanto o modo raro e maravilhoso com que os trazia pela intercessão e pelas orações do próprio santo.

Certa vez veio uma quadrilha de jovens cavaleiros, bizarros e

galhardos, para ver o santo abade, de quem a fama publicava grandes coisas. Era tempo de Quaresma, e eles, com o ardor da juventude, buscaram um lugar ali, próximo à igreja, para correrem, exercitarem-se nas armas e se entreterem. Pediu-lhes o santo que não o fizessem, mas não quiseram. Mandou então que lhes levassem cerveja e, abençoando-a primeiro, deu-a para que bebessem. Mal haviam saído do mosteiro quando, movidos por um novo espírito que vinha do céu, começaram a tratar entre si sobre a vaidade do mundo, seus enganos e perigos, e de tal maneira se inflamaram no desejo da perfeição que logo, sem demora, todos juntos, com um só ânimo e uma só vontade, voltaram ao mosteiro e com muita humildade pediram para que nele fossem admitidos, onde com grande fortaleza e paciência, passando por muitos trabalhos, perseveraram gloriosamente na religião.

Foi esta mudança verdadeiramente proveniente da destra do Altíssimo, mas não o foram menos outras, entre as quais a de um clérigo chamado Marcelino que, indo em nome do arcebispo, seu senhor, receber São Bernardo que vinha a Mogúncia, dizendo-lhe quem era e quem o enviava, o santo parou e, pondo os olhos nele, disse-lhe:

***"Outro
Senhor
maior
vos
enviou
e quer
se
servir
de
vós".***

E ainda que a princípio o clérigo contradissesse e estivesse alheio e muito além de tal pensamento, no fim se rendeu e em companhia de muitos homens doutos e honrados veio até o mosteiro de Claraval para pedir o hábito.

E não é de menor admiração o que sucedeu com Henrique, irmão carnal do rei de França; antes, é tão maior quanto mais

alta era a dignidade da pessoa com quem ocorreu. Havia vindo este príncipe a Claraval para tratar com o santo abade de alguns negócios de importância. Quando os havia terminado, pediu para que se juntassem todos os monges para despedir-se deles e encomendar-se às suas orações. Assim se fez, e logo disse-lhe o santo que tinha esperança de que não morreria no estado em que estava no presente, senão que rapidamente entenderia por experiência o quanto era eficaz a intercessão que havia pedido àqueles servos de Deus. Cumpriu-se aquela profecia, de maneira que no próprio dia determinou-se Henrique a seguir as pegadas de Cristo Nosso senhor e morrer na cruz da santa religião. Sentiu a mudança de seu senhor toda a sua família, que o chorava em vida por morto. Porém, entre os demais criados, havia um que se chamava André, o qual teve tão estranho sentimento, que saiu como que fora de si e, frenético com a cólera, começou a dizer blasfêmias e graves injúrias contra o santo abade, como se se tratasse de um charlatão ou de um falso profeta. Rogou o príncipe ao santo que o acalmasse e que e pusesse nele maior cuidado do que nos outros para convertê-lo ao Senhor, ao que São Bernardo lhe disse:

*"Deixai-o
agora,
pois está
muito
amargo e
cego com
a paixão,
e
considerai-
o como
vosso".*

E como a Henrique, com esta nova esperança, lhe crescesse mais o desejo e tornasse a pedir ao bem-aventurado padre que lhe falasse, o santo lhe respondeu com um rosto severo:

**"Não já
vos
disse
que é
vosso?"**

Ouviram esta argumentação todos os presentes e o próprio André, o qual, mais obstinado e furioso do que antes, balançando a cabeça, dizia dentro de si, como depois o confessou:

"Agora sim conheço que és falso profeta, porque jamais acontecerá o que dizes".

Partiu no dia seguinte muito furioso, lançando maldições ao abade e suplicando a Deus que se abrisse a terra para que tragasse aquele mosteiro. Mas naquela mesma noite, estando na pousada, sentiu tão grandes agulhões ou impulsos e movimentos interiores, que logo levantou-se da cama sem esperar o dia e voltou a Claraval para pedir com grande humildade que lhe fosse concedido receber o hábito, para admiração e consolo dos que ali estavam e sabiam sobre o que havia se passado.

Em outro caminho que fez São Bernardo a Flandres, ganhou para o Senhor alguns nobres e letrados flamengos, que o seguiram e voltaram com ele para a Borgonha. E em Chalons, cidade da Champanhe de França, estendendo as redes da pregação, colheu uma grande quantidade de excelentes homens, e cada dia se via entrar pelas portas de seu mosteiro muitos que, movidos pela fama do santo e desenganados da vaidade e dos embustes do mundo, vinham para imitar a Cristo sob tão valoroso capitão.





CAPÍTULO IV

No principio de seu governo, medindo a seus súditos pelo seu próprio espírito e fervor, foi mais severo e rigoroso do que convinha; porque primeiramente, quando recebia algum noviço, entre outras coisas, avisava-o que deixasse o corpo fora do convento e que somente entrasse com o espírito.

Quando confessava a seus monges, qualquer que fosse a falta, por leve que fosse, parecia-lhe grave, e pedia a todos tão grande perfeição, que a muitos tirava a esperança de alcançá-la e até a vontade de procurá-la. Daqui nascia uma certa tristeza nos corações dos súditos, que lhes tirava o ânimo, a devoção e aquele fervor que costuma ser grande espora para aproveitar e correr na virtude. Mas era tão grande a opinião que todos tinham sobre a santidade do seu bom padre, que punham toda a culpa em sua fraqueza ou em sua pouca capacidade, sem queixarem-se dele nem contradizendo-o nas coisas que mandava. E esta humildade dos súditos, pela vontade de Deus, abriu os olhos ao superior; porque, vendo São Bernardo a humildade e modéstia de seus religiosos, começou a jogar sobre si a culpa, e determinou-se a não carregá-los, nem afligi-los, nem dizer-lhes nada, senão cuidar de a si até que Deus lhe revelasse outra coisa. Estando a considerar estas coisas, certa noite apareceu-lhe um menino vestido de uma luz celestial e mandou-lhe expressamente que não deixasse de dizer a seus filhos tudo o que sentia, porque não seria ele que falaria, mas o Espírito Santo que falaria nele. E, juntamente com este preceito, infundiu-lhe o Senhor uma nova graça e um singular dom de suavidade e doçura, com a qual aprendeu e compadecer-se dos fracos e a ajustar-se e acomodar-se à capacidade dos rudes e e tirar de cada um o que, salva a disciplina religiosa, bondosamente pudesse. E assim veio a mudar-se de tal maneira que pareceu outro homem, e começou com extraordinária ternura e solícitude a prever e prevenir as necessidades não apenas da alma, como também do corpo de todos os seus súditos. E porque alguns chegassem a ver que debaixo de seus hábitos velhos e remendados trazia um áspero cilício, o deixou, com medo de que outros, com graves enfermidades, o quisessem imitar e seguir aquele rigor vendo que ele, estando enfermo e fraco, não o deixava, tanto foi o cuidado que depois

que o Senhor o ensinou teve o santo padre com a saúde de seus filhos. Com esta brandura do santo abade cresceu mais o fervor de seus filhos, com uma santa contenda; quanto mais o padre era amoroso com eles, tanto eles eram mais rigorosos para consigo mesmos, mais obedientes aos seus preceitos e com mais cuidado e ânsia aspiravam à perfeição e à observância de sua regra. Rezavam o ofício divino com suma atenção e devoção, alegravam-se muito com a santa pobreza, a qual era extrema; trabalhavam e ocupavam-se nas suas devidas horas em trabalhos manuais com grande alegria; guardavam naquele mosteiro um recolhimento e um silêncio tão raro que simultaneamente podia ver-se uma multidão de gente e um silêncio de eremitério e solidão. Esmeravam-se em todas as virtudes e cada um procurava ir adiante de todos e não ficar para trás, vendo que o seu santo pastor e prelado era possuído de tão grande fervor que só o vê-lo os compunha, inflamava e arrebatava ao céu. Observava, entre outros, um aviso muito importante para os que governam religiosos: que suas repreensões fossem modestas e suaves, e se o que era repreendido não o aceitasse com brandura e humildade, irritando-se e levantando a voz, o santo dissimulava e guardava o castigo para outro tempo. Pois dizia que, quando o que repreende e o que é repreendido estão ambos irritados, mais parece esgrima ou contenda do que correção.





CAPÍTULO V

Mas ainda que São Bernardo se tivesse modificado para com os demais, não se modificou, todavia, para consigo mesmo, porque sempre guardou aquela integridade e rigor de vida que dissemos; por onde veio a enfraquecer-se muito em a ver-se curvado diante do peso de grandes enfermidades, os próprios médicos maravilhando-se como, estando tão fraco e exausto, podia ainda ocupar-se de qualquer tarefa. O próprio santo padre afinal o reconheceu e acusou-se de ter-se excedido tanto na penitências e estragado sua constituição física com excessivas austeridades, enfraquecendo seus membros e impedindo de sua parte a maior glória do Senhor. Porque, certamente, foi maravilhosa e extraordinária a austeridade de que este santo se utilizou em sua vida, e parece que humanamente não poderia viver se o Senhor não o sustentasse sobrenaturalmente. Mas estava tão inflamado e abrasado no amor de Deus que não pensava em outra coisa, de dia ou de noite, a não ser como poderia aumentar mais a sua glória e aproveitar as almas, e procurava estas duas coisas com grande ânsia e solicitude. A este alvo se dirigiam todas as suas ações e sua conversação, mais divina do que humana; sua oração, o escrever tantas cartas sobre tão importantes assuntos, o interpretar das divinas Escrituras, as argumentações com pessoas particulares e os negócios públicos que tratava; e acrescentando-lhe o Senhor uma eloquência tão admirável e uma sagacidade e prudência maravilhosa com a qual se acomodava à condição, capacidade e costumes de cada um com os quais tratava. Com os lavradores falava como se tivesse sido criado no campo; com os cavaleiros, como cortesão; com os idiotas usava comparações de coisas materiais e grosseiras; com os letrados e sofistas disputava sobre questões sutis com grande engenho e agudeza. E, finalmente, como excelente pescador, tinha diferentes iscas e anzóis para pescar, adaptados ao gosto e ao natural de cada um; e tudo isto nascia de sua grande caridade e do desejo que tinha de ganhar almas para o Senhor. Era também efeito desta caridade a compaixão e a dor que sentia pelos pecados e faltas de seus próximos, e especialmente dos que tinha aos seus cuidados. Porque, ainda que fosse tão amoroso conforme dissemos, não deixava de admoestar e repreender como pai, secreta e publicamente, ao que cometia alguma falta, e de adotar todos os meios possíveis para corrigí-lo. E quando isto

não bastava, cortava-o como um membro podre e o afastava de sua congregação. Porém quando a isto o obrigava a necessidade, ficava tão afligido e transpassado pela dor, que não haverá mãe alguma que assim sinta a morte corporal de seu filho como ele sentia a espiritual de qualquer um dos seus. Tais eram as entranhas do verdadeiro imitador de Cristo porque era muito compassivo e muito brando, e sofria-lhe o coração ver quem quer que fosse triste ou desconsolado.

Não é para admirar-se que com os homens fosse tão brando aquele que com os próprios animais era tão humano, porque algumas vezes, indo pela estrada, acontecia-lhe ver alguma lebre sendo perseguida pelos cães ou alguma ave que fugia do gavião, e ele, movido de compaixão, os abençoava para livrá-los, declarando aos caçadores, como de fato sucedia, que em vão os seguiriam. Deste forno tão inflamado de caridade saía o ouro fino da paciência firme e constante que teve São Bernardo, a qual manifestou claramente nas continuas tribulações e enfermidades que padeceu desde o principio de sua bem-aventurada conversão até o ultimo momento de sua vida, que não foi senão uma morte prolixa. Mas também pode-se ver que a mesma caridade e amor do Senhor dava-lhe forças para que, quando surgia uma grave necessidade ou coisa de seu serviço, estando como estava fraco, debilitado e consumido, pela divina providência parecia que recobrava novas forças e novo vigor para trabalhar e nela ocupar-se.

Também também sua paciência em algumas coisas graves de honra, de bens e de sua pessoa que se lhe ofereceram. Escreveu certa vez o servo do Senhor a um bispo, que era conselheiro do rei, pedindo-lhe que o avisasse sobre certas coisas que iam mal encaminhadas. Respondeu-lhe o bispo com irritação, tratando-o de néscio e atrevido, e o santo abade voltou a escrever-lhe com tanta submissão e humildade que o confundiu e fêz com que se tornasse grande amigo.

Enviou-lhe um rico abade seiscentos marcos de prata como esmola para que os gastasse em beneficio de sua Ordem. Foram roubados no caminho, e quando o soube, disse:

***"Bendito
seja
Deus,
que nos
livrou
de tão
grande
peso".***

Tendo-se-lhe tirado, por engano ou por força, dez mosteiros ou os lugares onde haviam de ser construídos, permaneceu muito sereno, sem querer jamais pleitear com os que lhe haviam feito aquele agravo. Um religioso de outra religião, pouco estável em sua vocação, havendo lido algumas obras muito espirituais de São Bernardo, foi a Claraval e pediu com grande urgência que o recebesse entre seus monges; e como o santo não o concedesse, julgando que era melhor que perseverasse onde havia começado, saindo o pobre homem de si, levantou a mão e deu um bofetão ao santo abade com tanta força, que logo se inchou sua bochecha; e ele o defendeu e o ajudou para que não lhe fizessem mal algum, antes, para que o acomodassem e o tratassem bem.





CAPÍTULO VI

Teve muitos adversários e perseguidores, pelos quais fazia fervorosa oração, e procurava com humildade e submissão abrandá-los e devolver-lhes o bem pelo mal, benefícios por injúrias e honra e reverência por desprezos e afrontas. Mas que há de tão admirável em ser tão paciente quem era tão humilde? Porque o verdadeiro humilde nunca pensa que lhe fazem injúrias; e, como o santo dizia, não queria parecer humilde, senão vil. Foi tão admirável a humildade deste glorioso santo e estava tão enraizado nesta virtude e tão dentro e submerso no abismo de seu nada, que nada o podia envaidecer ou elevar. Ofereceram-lhe muitas vezes grandes dignidades e bispados, dos quais não quis aceitar nenhum, julgando-se indigno de todos. E era tanta sua autoridade e o respeito em que os seus próprios superiores o tinham, que não se atreviam forçá-lo, porque sabiam o quanto era contrário à sua vontade. Mas não há por que gastar muitas palavras para enumerar o catálogo de suas virtudes, pois a todas abraçou, e foi tão excelente em cada uma como se não tivesse mais do que aquela. Era sereno em seu rosto, modesto no hábito, circunspecto nas palavras, temeroso em suas obras, assíduo na meditação, contínuo na oração, na qual confiava mais do que no próprio engenho ou no seu trabalho. Era magnânimo na fé, longânime na esperança, perfeito na caridade, providente e lúcido em seus conselhos; eficiente nos negócios e nunca menos ocioso que quando estava ocioso; alegre nas injurias, envergonhado nos louvores, suavíssimo em seus costumes, santo em seus merecimentos, glorioso em seus milagres; e ele próprio foi o primeiro e maior de todos os seus milagres. Em seus sermões teve uma virtude mais divina do que humana para quebrantar os corações mais duros que as pedras a inflamar os tíbios e débeis no amor do Senhor. E vendo isto o demônio, procurava distraí-lo e atrapalhá-lo para que não repartisse com os ouvintes os dons de Deus ou se reputasse em alguma vanglória por havê-los bem repartidos. Uma vez, pregando, apresentou-se-lhe um lindo pensamento, mas achou melhor guarda-lo para outro sermão; o Senhor, porém, interiormente lhe disse:

***"Enquanto
guardares
isto, não
te darão
outra
coisa
para que
digas".***

E assim a disse logo.

Outra vez, ouvindo-o muita gente com grandes aplausos e admiração, veio-lhe uma tentação de vanglória, parecendo-lhe que lhe diziam:

***"Admira
quanta
gente te
ouve, e
com
quanta
atenção".***

Parou um pouco, refletindo sobre se deveria deixar o sermão; mas, entendendo que esta era a voz do demônio, voltou a cabeça para trás e disse:

***"Não foi
por ti que
comecei e
não será
por ti que
terminarei",***

e prosseguiu adiante com o seu sermão.

E por ser São Bernardo tão ornado com todas as virtudes e um prodígio celestial no mundo, estando certa vez muito mal e

oprimido por uma grande quantidade de catarro que o afogava e lhe dificultava a respiração, foi arrebatado e, estando como em êxtase, pareceu-lhe que o conduziam diante do tribunal do Senhor, onde também estava o inimigo do gênero humano para acusá-lo e, havendo o maligno concluído sua acusação e o carregado de culpas, tendo-se-lhe concedido tempo para que se defendesse, ele, sem perturbação nenhuma, respondeu desta maneira:

*"Eu
confesso
que não
sou
digno da
glória
eterna;
mas meu
Senhor a
possui
por dois
títulos,
por ser
Unigênito
do Pai
Eterno e
herdeiro
do real
reino
celeste, e
por tê-la
comprado
com seu
sangue.
Ele,
porém se
contenta
com o
primeiro
destes
dois
títulos, e
só este
lhe*

***basta.
Quanto
ao
segundo,
concede-
o a mim
em
doação
e, em
virtude
disto,
tenho eu
direito ao
céu".***

Ficou o perverso acusador confuso e aquela forma de julgamento e de tribunal desapareceu e o santo varão voltou a si; para que se veja quão diversos são os julgamentos dos pecadores e dos santos.

Continuemos, porém, o curso de nossa narração.





SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO VII

Havia desejado o santo abade permanecer toda a sua vida naquele lugarejo desconhecido dos homens; mas o Senhor o trouxe à luz para que repartisse ao mundo os tesouros e as graças que em sua cela havia alcançado. Foi necessário que dela saísse para reconciliar com a Igreja Romana os cismáticos, para convencer publicamente os hereges e para promover o bem e estabelecer a paz entre os católicos.

Levantou-se no tempo de São Bernardo, depois da morte de Honório, Sumo Pontífice, um perigoso cisma na Igreja porque um romano ilustre, chamado Pierleone, tomou com má fé o nome de Anacleto e usurpou a cadeira de São Pedro, opondo-se ao verdadeiro Pontífice, Inocêncio, o segundo deste nome. Houve grande escândalo e uma divisão muito perigosa na cristandade, porque no início não era possível distingüir-se tão facilmente qual dos dois deveria ser tido como legítimo sucessor de São Pedro e vigário geral do Senhor. Celebravam-se em várias partes sínodos nacionais sobre este artigo, e especialmente na França foi convocado um concílio na cidade de Etampes. E para poder, com maior luz e assistência do Espirito Santo, decidir uma dificuldade tão grande, pareceu bem ao rei de França e aos demais principais prelados que antes de tudo se chamasse ao Concílio o abade de Claraval, pelo grande conceito que todos tinham de sua sabedoria e santidade. Chamaram-no e o santo abade, obrigado pela obediência aos seus prelados e pela importância do assunto, veio cheio de tremor e temor, considerando a gravidade e o perigo do que haveria de ser tratado, embora tivesse tido grande consolação no caminho e ficado muito animado com uma visão e revelação do Senhor. Chegando ao local do Concílio, foi recebido como a um anjo do céu e, na primeira sessão, por consentimento e unanimidade gerais, determinou-se que fosse posta aquela controvérsia nas mãos de São Bernardo para que a determinasse e todos seguissem o seu parecer, coisa grandíssima e grande argumento da estima que todos tinham do espirito do Senhor que habitava e falava nele, ainda que ele

próprio procurasse desculpar-se com sua modéstia, por parecer-lhe carga intolerável e além de suas forças. Finalmente, vencido pelos pedidos e pela autoridade daquela sagrada congregação, o aceitou, confiado tanto em Deus quanto desconfiado de si. E depois de haver invocado o favor do céu e feito todas as diligências para acertar, declarou Inocência como o sumo e verdadeiro Papa e pastor da Igreja, sem que houvesse em todo aquele concílio uma única pessoa que o contradissesse ou se opusesse a tal declaração; e com isto foi Inocência obedecido no reino de França. E porque o rei Henrique da Inglaterra se mostrava duro e de parecer contrário, o glorioso abade foi até ele, persuadindo-o a que se conformasse com o que se havia determinado na França, tomando sobre a sua consciência qualquer culpa que em fazê-lo pudesse haver, e o rei o fêz, e para honrar mais ao Pontífice veio à França, onde havia chegado como que fugindo da Itália. Inocência, o qual com grande alegria de todos o recebeu em Chartres e lhe deu a sua bênção apostólica.

Mas, porque na província de Gasconha ainda durava o cisma pela ambição de Gerardo, bispo de Anguleme, o qual, favorecido por Guilherme, conde e príncipe poderoso, fazia grandes desaforos, o santo abade foi enviado pelo Papa para trazer o conde à razão e refrear a tirania do mau bispo. Foi São Bernardo à Gasconha, falou ao conde Guilherme e procurou reconduzi-lo à obediência do verdadeiro pastor, o mesmo fazendo-o alguns bispos e pessoas religiosas; mas, ainda que ele se tivesse aproximado, nunca quis se conformar com que voltassem para suas igrejas os bispos que com tanta violência haviam sido afastados delas. Vendo o santo a obstinação do conde e que os meios humanos para nada adiantavam, recorrei aos divinos e fêz o que aqui direi. Foi à igreja, celebrou missa, tomou o santíssimo sacramento nas mãos sobre uma patena e saiu para onde estava o conde, o qual, por estar excomungado, não podia entrar na igreja e estava junto à porta, do lado de fora. Com o rosto inflamado, lançando chamas, com os olhos faiscando e uma voz terrível e espantosa, falou-lhe desta maneira:

**"Nós te
rogamos, e
tu nos tens
desprezado;
todos estes
servos de
Deus te
suplicaram,
e tu não
fizeste
caso deles.
Eis aqui o
filho da
Virgem,
Cabeça e
Senhor da
Igreja que
tu
persegues,
que vem à
tua
presença.
Eis o teu
juiz, para
cujas mãos
há de
retornar a
tua alma.
Veremos
se fazes
caso dEle,
se lhe
voltas as
costas,
como o
fizeste
conosco".**

Diante destas palavras tremeu o conde. Caíu ao chão, tornou a levantar-se. Voltou a cair de novo sem poder falar, soltando saliva e espumando pela boca, espantado e atônito. Finalmente, fêz tudo o que o santo mandou, e dispensou depois tão estreita

amizade com ele, que com seus santos conselhos e doces palavras modificou-se de tal maneira que, deixando o Estado, retirou-se, fez penitência muito rigorosa e fêz-se santo, disto fazendo menção o Martirológio Romano no dia 11 de fevereiro. Quanto ao bispo Gerardo, este ficou obstinado em sua malícia, tendo sido encontrado pouco depois, pela manhã, morto em sua cama, sem confissão nem viático.

Depois disto, persuadiu São Bernardo ao Imperador Lotário, que na cidade de Liège havia se encontrado com o Papa, que deixasse uma vã e ambiciosa pretensão que tinha de recobrar a investidura dos bispados que havia sido retirada ao Imperador Henrique, seu predecessor. Voltou o Papa à Itália, tendo resolvido os assuntos de França e celebrado um concílio em Reims, e quis passar pela Borgonha para visitar Claraval e ser hóspede do santo abade naquele mosteiro, onde viviam seus monges mais como anjos do céu que como homens vestidos com um saco de carne. Ali teve o Sumo Pontífice grande consolação pelo que viu. Saíram os monges em procissão, não com evangelhos dourados nem com cruz de prata, que não havia, mas com cruz de madeira e pobres ornamentos; com tanta devoção, porém, e tanta modéstia, que o Papa, os cardeais e os bispos não puderam conter as lágrimas. O Papa comeu no refeitório, e toda a comida consistiu em alface e legumes, e como grande regalo houve um pouco de suco de frutas, e para o Papa um peixe que com só muita dificuldade se pôde achar.

Na Itália as coisas estavam ainda tumultuadas, e para acalmá-las convocou o Pontífice outro concílio na cidade de Pisa, no qual, entre outras coisas, Anacleto foi declarado excomungado, assistindo sempre São Bernardo a todos os assuntos que ali se tratavam, não somente como ajudante e participante, como também, de certo modo, na qualidade de árbitro e ministro principal do Papa. Concluído este, foi o servo do Senhor à cidade de Milão, que estava separada do verdadeiro Sumo Pontífice, unindo-a sob a sua obediência.

Foram com o santo para Milão dois cardeais legados `a latere': Guido, bispo de Pisa, e Mateus, bispo albanês e, por vontade de São Bernardo, também Gofredo, bispo carnotense, grande amigo seu e homem de grande prudência e autoridade. Quando estavam a sete milhas de Milão saiu toda a cidade para recebê-los, eclesiásticos e seculares, ricos e pobres, cavaleiros e

oficiais e, sem repararem nos cardeais que vinham com ele, lançavam-se aos seus pés, beijando-os e considerando ser grande felicidade poderem vê-lo, ouvi-lo, falar-lhe e cortar-lhe de seu pobre hábito pedaços de pano como relíquias, com as quais curavam-se muitos enfermos; e por mais que o santo repreendesse ao povo pela honra que lhe faziam e o exortava a honrarem e reverenciarem àqueles prelados que, por serem cardeais da santa Igreja Romana e legados do Vigário de Cristo, eram dignos de toda veneração, não houve remédio e assim, com este aplauso e regozijo e multidão de gente, entrou em Milão. Dali voltou à Claraval guiado sempre pela mão do Senhor, com extraordinário regozijo de todos os seus filhos e satisfação de sua alma; porque pensava que se haviam acabado os trabalhos daqueles assuntos complicados e distrações, e que podia naquele lugar repousar e cuidar de seu aproveitamento com maior sossego. Mas não sucedeu conforme pensava, porque o Papa, achando-se ainda cercado de trabalhos por toda a parte e pressionado por Rogério, rei da Sicília, o qual favorecia o anti-papa, ordenou-lhe que se dirigisse de novo a Roma, porque não encontrava quem melhor o pudesse ajudar do que São Bernardo, como a experiência o havia ensinado. Obedeceu o grande servo do Senhor como verdadeiro filho da obediência. Foi Roma, e dali a encontrar-se com o rei, e conduziu a muitos para a obediência de Inocêncio, inclusive ao próprio Pedro de Pisa, famoso jurista que representava os interesses de Anacleto, convencendo também o rei Rogério tão manifestamente que ele não podia mais alegar ignorância. Este, porém, cego pela paixão e cobiçando os bens da Igreja que havia usurpado, não quis fazer demonstração pública, como São Bernardo o aconselhava. Mas, pelas orações do santo abade, Deus deteve o cisma e os males que dele resultavam com a morte do falso pontífice Anacleto, o qual, assaltado por uma pestilenta enfermidade que durou três dias, impenitente, passou desta vida para dar conta na outra ao eterno juiz dos danos que com sua ambição e tirania havia causado à Igreja. Logo que morreu Anacleto os de seu partido elegeram-lhe outro sucessor; mas este, com menor conselho, se dirigiu à noite até São Bernardo e, largadas as insígnias de sumo pontífice que havia tomado, conduzindo consigo o próprio santo, lançou-se aos pés do verdadeiro pontífice Inocêncio, pelo qual foi benignamente recebido. E com isto se acabou aquele cisma tão longo e tão lastimoso, dando todos, depois do Senhor, a honra e o louvor deste final tão desejado ao santo abade que, havendo

gastado sete anos nesta empreitada, pôde concluí-la com o favor do céu.





CAPÍTULO VIII

Não podendo, porém, sofrer os louvores dos homens e a reverência que toda a corte romana lhe fazia, ao fim de cinco dias pediu licença ao Papa para voltar à sua pobre casa, como o fêz, de onde enviou alguns religiosos ao Papa para que habitassem no mosteiro que Sua Santidade havia reparado no lugar das Três Fontes, que é onde Paulo foi decapitado e hoje em dia tem o título de São Vicente e Anastácio.

Entre os demais monges, para lá se dirigiu como abade Bernardo de Pisa, discípulo do santo abade, grande religioso e pessoa que havia sido muito estimada no século; o qual, morto Inocêncio, Celestino e Lúcio, seus sucessores, foi eleito com total aprovação como Sumo Pontífice. Chamou-se Eugênio III, e foi para ele que depois São Bernardo escreveu aqueles divinos livros conhecidos pelo nome De Consideratione.

Não pôde, porém, o amigo de Deus sossegar outra vez em seu mosteiro como anelava. Foi, ao contrário, necessário que saísse dali apressadamente para reprimir e confundir alguns hereges que se haviam levantado naquela ocasião, como já o havia feito com os cismáticos, vendo os membros desunidos e apartados da Igreja com sua cabeça. Um destes foi Pedro Abelardo, homem de agudo engenho, mas orgulhoso e vão. Enganado pelo pai da mentira, começou a disseminar novas doutrinas e algumas opiniões falsas e perniciosas. Avisou-o o santo benigna e secretamente para que as revogasse. Vendo que com os meios brandos não alcançava êxito, em um concílio que se celebrou em Sens, na França, na presença de muitos prelados e doutores, arguiu-o e convenceu-o de tal maneira que o pobre homem, cheio de vergonha e de confusão, não soube o que responder às objeções do santo.

Também teve outro encontro com Gilberto Porretano, bispo de Poitiers, homem muito versado nas Letras Divinas, mas temerário e arrogante, o qual com mais sutileza que verdade ensinava nova doutrina no mistério da Santíssima Trindade. Disputou com o santo dois dias no Concílio de Reims, celebrado pelo Papa Eugênio III, e o fêz retratar-se dos erros que havia ensinado.

Não foi de menor dano a impiedade de um falso e perverso mestre chamado Henrique, vilíssimo apóstata, que colocou sua boca no céu e declarou guerra contra Jesus Cristo, contestando os santos sacramentos e deitando por terra os antigos usos da hierarquia eclesiástica. E porque era falador e sagaz, havia feito grande progresso pelas partes da Gasgonha, onde por sua detestável doutrina viam-se as igrejas sem sacerdotes e sem a devida reverência e, para resumi-lo em uma palavra, os cristãos sem Cristo. Enviou o Papa um legado para remediar tão graves danos, o qual passou por Claraval, levando consigo a São Bernardo, que foi recebido com incrível devoção por todos aqueles povoados. Com sua vida, doutrina e milagres arrancou dos corações daquela gente enganada a semente má que o demônio, por intermédio de Henrique, seu ministro, havia semeado; e os que haviam sido pervertidos se submeteram à fé, prendendo e entregando o herege ao bispo.

Em outra ocasião teve que sair de seu recolhimento para apaziguar os cidadãos de Metz na Lorena e alguns príncipes da comarca, que faziam guerra crua e perigosa entre si, porque não pôde negar ajuda ao arcebispo de Treveris que, como bom pastor, desejava impedir os danos de suas ovelhas e os males que aquela discórdia poderia trazer; havia vindo a Claraval em pessoa e, atirando-se aos pés do santo abade, suplicou-o humildemente, pelas chagas de Jesus Cristo, que tomasse a iniciativa para pacificar os ânimos desunidos e ferozes que com suas inimizades tão fortes ameaçavam a Igreja. O santo achava-se já velho, próximo do final de sua vida e acamado devido à enfermidade. Deu, no entanto, pela sua caridade, maior importância à saúde espiritual de seus filhos do que à sua própria. Colocando-se imediatamente a caminho com o mesmo arcebispo, o Senhor concedeu-lhe subitamente novas forças para aquela jornada, porque feita para o seu serviço. E, embora tenha encontrado dois exércitos inimigos prontos para a guerra, aplacou-os de tal maneira que, deixadas as armas de comum acordo, colocaram todas as suas diferenças em suas mãos, e ele as julgou com grande paz e contentamento das partes que aquela tempestade e turbilhão converteu-se em uma serena concórdia e tranquilidade.

Coisa maravilhosa parecerá a alguns que um pobre religioso, vestido com um saco vil e desprezível, fizesse coisas tão

grandes e tão insólitas, e que tivesse tão grande autoridade e força, não apenas para converter do século ao Senhor tantas pessoas de todos os estados, como também para unir a Igreja desunida, submeter os reis, atemorizar os príncipes, confundir os hereges e persuadir os povos em tudo o que ele queria, como se fosse o senhor dos corações.





CAPÍTULO IX

Mas não há por que admirar-se, entretanto, se considerarmos que não há quem possa resistir ao Espírito Santo e ao braço do Todo Poderoso. A opinião da santidade de Bernardo era grandíssima; suas palavras eram como setas agudas lançadas pela mão do Senhor; sua oração, tão eficaz e poderosa, que alcançava do céu tudo o que desejava, e os milagres que Deus operava obrava por meio dele eram tantos, tão contínuos e tão grandes que só eles já eram suficientes para dobrar o mundo à sua vontade. Gofredo, monge de Claraval, companheiro e secretário do santo, afirma como coisa certa e notória que em uma aldeia da cidade de Constança, na presença de muitas testemunhas, com a imposição de suas mãos em um só dia iluminou onze cegos, curou dez defeituosos e dezoito cochos, e que na cidade de Colônia, em apenas três dias, doze cochos, dois estropiados, três mudos e dez surdos recuperaram completamente a saúde, de modo que alguns homens piedosos, querendo pela sua devoção deixar uma memória escrita dos milagres que o santo fazia e começaram-nos a escrever para pouco depois verem-se obrigados a desistir de o fazer, vencidos pela multidão e grande quantidade deles. O próprio santo se admirava com os milagres que Deus operava por ele, não sabendo ao que atribuí-los, porque pela sua profunda humildade conhecia e dizia que não se deviam à santidade que não possuía nem tampouco aos seus méritos, mas que eram concedidos para a salvação e para o aproveitamento de muitos, para que estimassem e honrassem a virtude que supunha-se que ele teria. E também para que conhecessem que Deus não faz milagres para o bem daqueles através dos quais os realiza, mas para o proveito daqueles que podem vê-los e daqueles que o acabam sabendo, nem tampouco para que os que fazem mais milagres sejam tidos por mais santos, mas para que todos sejam amigos e imitadores da santidade. E este também é o motivo pelo qual faremos silêncio sobre muitos, somente mencionando aqui a alguns poucos, dos quais esperamos que aqueles que os lerem possam aproveitar-se.

Começemos pelo primeiro milagre que o santo fez ao voltar da fundação do mosteiro chamado das Três Fontes.

Foi avisado que um parente seu, chamado Gisberto, estava para morrer. Já estava impossibilitado de falar e não havia podido confessar-se. Era homem nobre e rico, mas de má vida e usurpador do bem alheio. Entrou o servo de Deus na igreja para celebrar missa e encomendá-lo a Deus e no mesmo instante o enfermo volta a si e começa a confessar e a chorar os seus pecados. Quando, porém, São Bernardo acaba a missa, o doente torna a perder a fala. Foi o santo visitá-lo e encontra-o naquele estado; rogam-lhe para que faça oração por ele e São Bernardo, levantando os olhos ao céu e movido pelo Senhor, responde com grande liberdade aos que estavam ali presentes:

***"Vós
sabeis as
más
obras
que fez
este
homem,
e que ele
é
possuidor
de
muitos
bens mal
ganhos.
Restitua,
ele e
seus
filhos,
aquilo
que não
é seu;
abandone
os maus
tratos e
os
modos
injustos
de que
tem feito
uso
contra os***

***pobres.
Se assim
o fizer,
morrerá
como
cristão".***

Tudo isto o enfermo o fêz tal como o santo o havia mandado. Logo a língua, muda e presa, ficou solta e livre. Já podendo falar, confessou-se com muita contrição e, recebidos os outros sacramentos da Igreja, faleceu com muita edificação de todos e esperança de eterna salvação.

Quando pregava, na região de Tolouse, contra o herege Henrique de quem já falamos, certo dia, acabado o sermão, aquela boa gente trouxe uma grande quantidade de pães para que o santo os abençoasse. Ao fazê-lo, o santo lhes disse:

***"Nisto
podereis
ver, meus
filhos, se é
verdade o
que vos
prego e se
é falso o
que vos
ensinam e
aquilo de
que vos
querem
persuadir
os vossos
adversários.
Isto é, se
todos os
vossos
enfermos
que
comerem
destes***

***pães
ficarem
curados".***

Estava ali presente o bispo de Chartres e, parecendo-lhe que aquela proposta do santo era demasiadamente ampla, querendo modificá-la, acrescentou:

***"Haveis
de
entender
que
ficareis
curados
se for
com fé
que
comerdes
deste
pão".***

Então respondeu São Bernardo:

***"Não foi
isto o que
eu disse,
senhor, mas
exatamente
o que
minhas
palavras
disseram,
isto é, que
todos os
enfermos
que
provarem
deste pão
haverão de
recuperar a***

***saúde, para
que se
entenda que
somos
legítimos e
verdadeiros
mensageiros
de Deus".***

Tal como o disse, assim o foi. Todos os que comeram daquele pão curaram-se, sem exceção alguma.

A fama deste milagre espalhou-se imediatamente por toda a província e foi de muito proveito para estancar a heresia. Despertou e inflamou o coração do povo à devoção do santo abade. Concorriam em tão grande número de todas as partes para vê-lo e prestar-lhe reverência que foi necessário, para escapar a todas estas homenagens, mudar o caminho de Salat, onde havia sido o milagre, para a cidade de Tolouse.

Naquela mesma comarca, com a mesma finalidade e para confirmação da fé, curou um clérigo do Colégio de São Saturnino, parálítico incurável, o qual que também se chamava Bernardo, tão debilitado e consumido que muitas vezes parecia haver entrado em artigo de morte. Vendo-o o santo, abençoou-o e partiu. Naquele momento confortaram-se-lhe os nervos e, recobrando as forças, levantou-se da cama onde estava, correu atrás do santo abade, deteve-o e jogou-se a seus pés, beijando-os com grande devoção e afeto. Mais ainda, acompanhou-o e, para ser agradecido a Deus, tomou o hábito em Cister, submetendo-se à obediência de São Bernardo. Tendo dado bom exemplo mostras de religião e prudência, foi escolhido pelo próprio São Bernardo para ser abade de outro mosteiro chamado Valdaqua.

E quem poderá narrar o domínio que teve este grande santo sobre os demônios e o império com que os expulsava das pessoas a quem cruelmente atormentavam? Não somente estando presente, impondo-lhes as mãos, fazendo o sinal da cruz ou dando-lhe um pouco de água benta para beber, mas também estando ausente, fugiam os espíritos infernais da estola

do santo como de um espantoso suplício. Deixando de lado outros milagres que dizem respeito a este assunto, mencionarei somente dois memoráveis.

Estando na cidade de Milão para reconduzi-la à unidade da Igreja e à obediência do Romano Pontífice, conforme dissemos acima, entre outros muitos e assinalados milagres que o santo fêz houve o de uma mulher honrada e de idade madura, em que Satanás havia entrado e possuído por muitos anos, tendo-a maltratado de tal maneira que ela já não podia ver, ouvir ou falar e mostrava uma língua que mais parecia uma tromba de elefante ou de algum outro horrível monstro do que de uma mulher. Tinha o rosto muito feroz e espantoso; o alento, hediondo, insuportável e digno do hóspede que a atormentava. Foi pela força que tiveram que conduzi-la. certa manhã, ao santo, quando celebrava missa no templo de Santo Ambrósio. Olhou-a com olhos brandos e piedosos e logo entendeu que aquele demônio era rebelde e que havia tomado posse, por permissão do Senhor, tão fortemente daquela mulher, que dificilmente poderia deixá-la. Voltando-se para o povo, que era enorme, ordenou que todos orassem atentamente, e aos clérigos que mantivessem a mulher firme e imóvel.

Chegando ao mistério da consagração, quantas cruces fazia sobre a hóstia, outras tantas, dirigindo-se para a endemoninhada, fazia sobre ela, com incrível raiva e dor daquele espírito maligno, que o mostrava com o ranger dos dentes, com os gestos, os gritos e os movimentos de todo o corpo. Finalmente, tendo dito o Pai-nosso, tomou o corpo do Senhor na patena e esta sobre a cabeça da triste mulher, falando com o demônio, lhe disse:

**"Eis aqui,
espírito
maligno, o
teu juiz.
Eis aqui o
Senhor
todo
poderoso.
Contradize-
o, se
podes.
Este é o
sagrado
corpo que
se formou
nas
entranhas
da virgem,
pendeu da
cruz, foi
sepultado,
ressuscitou
da morte,
subiu
triunfante
aos céus.
Pelo poder
desta
soberana
majestade,
eu te
ordeno
que deixes
esta sua
serva e
que não
mais te
atrevas a
molestá-la
daqui em
diante".**

Saiu aquele espirito infernal e pertinaz que possuía aquela pobre mulher, louvando todos ao Senhor e confessando que o Santíssimo Sacramento do Altar é efficacíssimo e poderosíssimo contra todo o poder do inferno quando a ele nos dirigimos com a pureza e com a fé convenientes. Este é o primeiro milagre.

O segundo é que, estando em Pavia, um pobre lavrador trouxe sua mulher endemoninhada para que a curasse, e o demônio começou a ridicularizar o santo e a dizer:

"Não me expulsará de minha casa este comedor de cachorros e de cebolas".

Dizia-lhe também outras palavras injuriosas para irritá-lo. Mas ele, verdadeiro humilde, não se perturbou, e mandou que levassem a mulher para igreja de São Ciro, que havia sido bispo de Pavia e resplandecia com muitos milagres. Levaram-na até a igreja, e não quis Deus que São Ciro a curasse, para guardar aquela honra para São Bernardo, a cuja presença voltaram-na a trazer. O demônio começou a escarnecê-lo e a dizer:

"Não me expulsou Cirinho, muito menos me expulsará Bernardinho".

Ao ouvir isto, disse São Bernardo:

**"Não te
expulsou
Ciro,
nem te
expulsará
Bernardo,
mas
quem te
expulsará
será
Jesus
Cristo".**

Fêz uma oração pela mulher e esta ficou curada.





CAPÍTULO X

Não foi menor o dom que havia-lhe sido concedido em outros milagres mais interiores e espirituais no que diz respeito ao bem das almas, como se verá por algumas coisas que passo a referir.

Havia no convento de Claraval um monge menos perfeito que os demais, ao qual o santo abade havia ordenado, por causa de uma culpa cometida em segredo, que não comungasse. Ele, porém, em uma festa solene, vendo todo o convento comungar e temendo a vergonha e a infâmia, aproximou-se junto com os demais ao altar. Era São Bernardo quem celebrava a missa, e foi de sua mão que o monge, juntamente com os demais, recebeu o Santíssimo Sacramento. O santo, por se tratar de uma causa oculta, não o quis negar. Voltou-se, porém, ao Senhor, pedindo-lhe que castigasse aquela temeridade. Havendo tomado o monge a hóstia sagrada, não podia engoli-la por mais que tentasse, até que depois, prostrando-se aos pés de seu prelado, com muitas lágrimas lhe disse em segredo o que se passava e lhe mostrou a hóstia na boca. O santo padre, repreendendo-o pelo seu atrevimento e dando-lhe uma salutar penitência, o absolveu, e com isto o monge conseguiu engolir aquele celestial manjar, para que se veja o quanto se deve prezar a obediência aos superiores no uso dos Santos Sacramentos.

Houve outro monge que, no mesmo convento, achando-se árido e sem devoção para chorar os pecados que havia cometido no século, pediu ao santo com grande afeto que lhe alcançasse do Senhor espírito de ternura e de devoção e, pela sua oração, conseguiu-o tão copiosamente que dali em diante seus olhos foram uma fonte de lágrimas.

Tratava uma vez São Bernardo na corte do rei de França uma paz de grande importância e a rainha, ainda que no demais se mostrava muito devota, no tratar da paz era-lhe contrária. Casada por muitos anos com o rei sem que tivessem filhos, era tida por isto como estéril, o que era para ela causa de grande aflição e de descontentamento para o rei. Tendo a rainha certo dia manifestado seu desconsolo e angústia ao servo de Deus, ele aconselhou-a a que não impedisse aquela paz, mas que a

incentivasse, porque desta maneira o Senhor cumpriria o seu desejo. A rainha assim o fêz e, ao fim de um ano, pelas orações do santo, deu à luz um filho.

Quando estava São Bernardo para partir pela segunda vez de Roma, desejou levar consigo algumas relíquias. Ofereceram-lhe a cabeça inteira de São Cesário mártir mas ele, por sua modéstia, não quis senão um dente. Quiseram retirá-lo das arcadas utilizando alicates, mas não o conseguiram, quebrando, em vez disso, os próprios alicates. Então São Bernardo disse:

***"É
preciso
rogar ao
santo
mártir
que se
digne
conceder-
nos tão
grande
presente".***

Fêz oração e, aproximando com reverência da sagrada cabeça, facilmente retirou com os dedos o dente que os outros não o haviam conseguido fazer com ferros.

Em outra ocasião, estando enfermo e muito debilitado, ordenou a um de seus monges que havia ficado com ele, porque os outros estavam em outras tarefas, que fosse à igreja fazer oração por ele. Fê-lo o religioso em três altares diversos que ali estavam, o da gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora, o de São Lourenço mártir e o de São Bento abade. Logo em seguida entrou na cela de São Bernardo a Rainha dos anjos acompanhada dos outros dois santos e, com uma suavidade e uma serenidade impossíveis de imaginar, tocou-o com a sua grande mão onde lhe doía e curou-o completamente. Pois entre os dons que teve este santo abade um deles foi o de ser devotíssimo da Sacratíssima Virgem, e ela o presenciou e favoreceu singularmente. E diz-se que certa vez molhou-lhe os seus lábios com um jorro de leite saído de seu sagrado peito, e

que dali veio a doçura e a suavidade de estilo que está espalhada por todas as suas obras.

Ainda em outra ocasião, entrando na igreja maior de Espirra, cidade da Alemanha e câmara do Império, acompanhado de todo o clero e de grande multidão de povo, ajoelhou-se três vezes em três lugares diversos e disse no primeiro

**"Ó
clemente!",**

no segundo

**"Ó
piedosa!",**

e no terceiro

**"Ó
*doce
Virgem
Maria!*".**

E em memória desta devoção e saudação do santo, hoje em dia na mesma igreja encontram-se três placas de metal, nelas gravadas estas palavras, e cada dia se canta a Salve Regina com grande solenidade e música. E os próprios hereges, dos quais há muitos naquela cidade, vêm para ouvi-la.

Não é justo que, entre tantos milagres, nos esqueçamos de um muito notável que lhe aconteceu ao escrever uma carta. Estava no convento de Claraval um monge, sobrinho de São Bernardo, chamado Roberto. Sendo jovem, enganado por falsos amigos, abandonou a religião em que havia começado a servir ao Senhor, mudando-se para a de Cluny. Determinou-se o santo abade, como bom pastor, a recuperar sua ovelha e, para isto, decidiu escrever-lhe uma carta. Chamando a Guilherme Rieval, que depois foi abade de Claraval, ordenou-lhe que pegasse

papel e tinta e que saísse com ele para o campo, onde seria possível escrever com mais quietude. Enquanto São Bernardo ditava a carta e Guilherme a escrevia, iniciou-se subitamente uma chuva forte. Querendo o secretário levantar-se de onde estava e recolher o papel para que não se molhasse, o santo lhe disse:

***"Obra
é de
Deus;
escreve
e não
temas".***

E assim escreveu e acabou sua carta, no meio da água, sem molhar-se, porque a caridade que movia o santo padre a ditar a carta foi tão poderosa que cobriu o papel e o defendeu da água. E por causa deste milagre se costuma colocar-se esta carta como a primeira das de São Bernardo, todas elas admiráveis, a qual assim começa:

***"Roberto,
filho
amadíssimo,
há bastante
tempo, e
mais ainda
do que
pude
suportá-lo,
estive
aguardando
que a
piedade de
Deus se
dignasse
visitar tua
alma por si
e a minha
por ti".***





CAPÍTULO XI

Teve o dom de profecia, e pelo espírito divino conhecia as faltas que faziam os seus monges, ainda que estivessem muito distantes, as tentações que padeciam e as perseguições que os seculares levantavam. Também é coisa certa que lhe apareciam as almas de alguns monges que morriam nos conventos de sua Ordem, pedindo-lhe a sua bênção e a sua permissão para se dirigirem à outra vida.

Certa vez veio a Claraval um monge do mosteiro Fusnaciense e, querendo voltar à sua casa, São Bernardo o chamou à parte e lhe disse:

*"Diga a
tal
monge
que se
emende
de tal e
tal
coisa,
pois, se
não se
emendar,
logo virá
sobre
ele o
juízo de
Deus".*

Ficou assombrado o monge. São Bernardo havia nomeado pessoas e faltas muito ocultas. Disse então ao santo:

***"Padre,
quem
foi que
vos
disse
estas
coisas?"***

Respondeu-lhe Bernardo:

***"Seja
quem for,
dize-lhe o
que eu te
digo. Se
não o
fizeres,
serás
participante
do
castigo".***

Outra vez, ao dirigir-se a Catalanno, ganhou grande número de estudantes para Deus. Estes haviam sido discípulos de um grande doutor, chamado Estevão de Vitry. Estando um dia fazendo uma prática com eles antes de dar-lhes o hábito, o porteiro o avisa que Estevão, o mestre daqueles moços, estava esperando na porta e que com eles queria também receber o hábito. Alegraram-se muito os discípulos ao verem que seu mestre os seguia mas o santo, iluminado com a luz do céu, deu um grande grito e disse, de modo que todos o puderam ouvir:

**"O
espírito
maligno
o
trouxe
para
cá.
Veio
só, e
voltará
só".**

Ficaram todos espantados com aquelas palavras e o santo, para não ferir as novas plantas, ainda que de má vontade, o recebeu com os outros noviços e o exortou à perseverança. Ao cabo de seis meses, porém, acabou saindo, confessando ele mesmo que quando estava na cela dos noviços via um negrinho que o retirava do oratório. E, ainda que o demônio o tivesse trazido para que fosse um laço para os demais, não alcançou o seu objetivo, porque os demais, com a sua saída, foram confirmados na sua vocação e ele saiu só.

Um monge chamado Gofredo para quem, estando muito desconsolado e sem remédio, o santo havia alcançado com sua oração grande serenidade e singular alegria de consciência, sendo noviço e desejando ao extremo a salvação eterna de seu pai carnal, pediu ao santo com grande afeto que o encomendasse a Deus. São Bernardo lhe respondeu:

**"Não
duvides,
meu
filho,
que teu
pai há
de ser
um bom
religioso
e que
eu o
terei**

**que
enterrar
com
estas
mãos".**

E assim aconteceu, porque o velho entrou para a religião e, tendo progredido na virtude, caiu doente estando São Bernardo distante de Claraval. Passou cinco meses contínuos lutando contra a doença, até que voltou o santo que o encontrou em seu leito de morte e com suas mãos o enterrou, conforme o havia profetizado.

Estando em Claraval gravemente enfermo outro monge chamado Roberto, foi desenganado pelos médicos. São Bernardo estava em Roma, apareceu-lhe uma noite em espírito e o visitou amorosamente, cantando matinas na companhia dos outros monges. Naquela manhã Roberto ficou completamente curado.

Em outra ocasião enviou um monge alemão chamado Henrique às regiões mais remotas da Alemanha. Temendo que antes que pudesse voltar daquela longa jornada o santo padre passasse desta vida, pois estava muito fraco e debilitado, ia muito desconsolado pelo desejo de receber naquele momento a sua santa e última bênção. Entendeu São Bernardo o desejo e a pena de seu filho e, dando-lhe a bênção na partida, disse-lhe:

**"Vás com
alegria,
porque
voltarás
são e me
encontrarás
vivo
conforme
desejas".**

Sucedeu ao bom monge que, passando por um rio gelado perto da cidade de Argentina, caiu nele e, afogando-se, viu diante de

si o santo abade, por intermédio do qual salvou-se e voltou ao convento são e alegre, encontrando o santo padre também são, como este o havia profetizado.

Tendo três moços entrado para o convento de Claraval e tomado o hábito, um deles, por instigação de Satanás, pouco depois o deixou. Temendo os monges que os outros dois noviços seus companheiros fizessem o mesmo, o santo, olhando-os na face, disse que um deles não teria jamais tentação grave e que o outro seria combatido por muitas mas que, no fim, prevaleceria e se sairia vencedor e, como o disse, assim aconteceu.

Em outra ocasião o rei de França, Luís, irritou-se contra alguns bispos e os removeu de suas igrejas, sem querer reconsiderar, nem com as muitas e graves cartas que escreveu São Bernardo para acalmá-lo, nem com a humildade dos próprios bispos os quais, lançando-se aos pés do rei, pediam-lhe o perdão. Disse-lhe o santo, ameaçando-o:

*"Senhor,
esta vossa
obstinação
custará a
vida a
Felipe,
vosso filho
primogênito
e príncipe
jurado".*

O santo disse e Deus o cumpriu. O rei, reconhecendo a sua culpa, humilhou-se e reconsiderou.





CAPÍTULO XII

Seria coisa para nunca acabar se quiséssemos prosseguir esta matéria. Bastam os exemplos que mencionamos para entender os merecimentos, os dons e as excelências deste grande servo do Senhor, enviado por Deus ao mundo para que o iluminasse com seus raios como por um sol resplandecente, para que os papas, os reis, os imperadores, os príncipes e as repúblicas usufruíssem de sua luz e recorressem a ele nas questões mais obscuras e emaranhadas, e ele as ilustrasse e resolvesse. Não somente as províncias mais próximas aproveitaram com sua santidade, sua doutrina, seus conselhos e seus milagres, mas também as da Dácia, da Suécia e outras o reverenciaram e lhe escreveram cartas com extraordinária devoção. Qualquer coisa que tivesse trazido consigo era considerada como preciosa relíquia, e até um prato de barro, por nele haver comido certa vez São Bernardo, bastou para curar um bispo que havia comido uns bocados de pão e bebido um pouco de água que havia mandado deixar nele.

Seu cajado, colocado junto à cabeceira da cama de uma pobre mulher muito atormentada pelo demônio, bastou para espantá-lo e para que a deixasse em paz. O afluxo de pessoas, por onde quer que passasse, era tão grande que não há modo de o descrever. Em Roma não conseguia sair de casa sem que toda a corte e todo o povo fosse atrás dele. Em Milão e em outros lugares da Lombardia, devido à inumerável multidão que vinha vê-lo e receber a sua bênção, fazia-se necessário que se trancasse e aparecesse somente por uma janela para que dali desse a sua bênção. Quando passava pelos Alpes, vinham a ele pastores e homens selvagens em quantidade, os quais ficavam fazendo festa por terem-no visto.





EPÍLOGO

CAPÍTULO XIII

Mas, havendo sido este grande patriarca da Igreja tão honrado, estimado e reverenciado no mundo, não lhe faltaram trabalhos e perseguições, com os quais o Senhor o quis provar para que deles saísse puro e resplandecente como o ouro do crisol.

Fez-se em seu tempo uma jornada muito famosa para a conquista e a defesa da Terra Santa, infestada por infiéis e sarracenos. Ordenou o Sumo Pontífice Eugênio III, que havia sido discípulo e monge de São Bernardo, ao seu pai e mestre, que pregasse a cruzada e as suas indulgências a todos os que fossem àquela jornada, seja para libertarem seus irmãos, seja para darem suas vidas por eles.

Pregou o santo e, como prova de que Deus o mandava pregar, fêz inumeráveis e manifestos milagres. Tanto mobilizou províncias e reinos para que tomassem em armas, que o próprio Imperador Conrado e o rei Luís de França em pessoa foram a ela com grandes exércitos. Mas, por justo e secreto juízo do Senhor foi mal sucedida, teve insucesso, ficando nossa gente dispersa e perdida e os infiéis triunfando com nossos despojos e insolentes com a vitória. Houve grande tristeza e pranto em toda a cristandade e, havendo sido São Bernardo o principal pregador e solicitador daquele empreendimento e o que mais havia animado e inflamado os povos para o mesmo, levantou-se contra ele forte tempestade. Chamavam-no de charlatão, embusteiro, falso profeta, ruína e calamidade de toda a cristandade. Viu-se muito afligido o fiel e bem-aventurado servo de Deus. Conheceu que era tentação e provação sua e que Deus lhe fazia grande mercê em servir-se dele e tomá-lo como escudo para que todos os golpes das murmurações e queixas e todas as setas das línguas atingissem a ele e não ao Senhor, como ele mesmo o escreve ao Papa Eugênio no princípio do segundo livro De consideratione. E para que se visse que Deus havia mandado que pregasse o que pregou sobre esta jornada, além dos outros e grandes milagres que antes dela havia feito como testemunho desta verdade, depois dela fêz outros e curou um

cego. E o Senhor, que humilha os seus santos para mais levantá- los, fê-lo com São Bernardo e nos deu a entender que temos que obedecê-lo no que nos manda e reverenciar seus julgamentos sem esquadrihá-los, e que muitas derrotas temporais são vitórias espirituais e ajuda para o céu.

XIV

Estando, pois, o santo abade já velho, cansado, exausto e consumido pelos trabalhos, penitências, enfermidades, viagens e assuntos gravíssimos de toda a sua vida e com grandes ânsias de ser promovido à eterna e contemplar face a face o Sumo Bem, sobreveio-lhe uma dolorosa e perigosa enfermidade de estômago, o qual não podia reter a comida, juntamente com grande fraqueza e inchaço nas pernas. Suportava, porém, a doença com tanta suavidade e doçura de espírito como quem, depois de um longa navegação, entende ter chegado ao porto desejado.

Ele mesmo escreveu uma carta ao abade Arnaldo, seu amigo, na qual relata sua enfermidade com estas palavras:

***"Temos
recebido
vossa
caridade com
caridade e não
com alegria.***

***Porque que
alegria pode
haver onde
tudo está
cheio de
amargura?***

***Só o não
comer me traz
algum deleite.
O sono já
fugiu de mim,
para que a dor***

***não se modere
nem sequer
pelo
adormecimento
dos sentidos.
Quase tudo o
que padeço
são problemas
de estômago.
Os pés e as
pernas
incharam,
como costuma
acontecer com
os hidrópicos.***

***E em todas
estas coisas,
para que eu
não esconda
ao amigo
solícito a
situação de
seu amigo,
falo como
menos sábio e
digo que,
segundo o
homem
interior, o
espírito está
pronto,
embora a
carne seja
fraca.***

***Rogai ao
Salvador que
não queira a
morte do
pecador e que
não dilate
mais o meu***

*fim, mas que o
defenda e
ampare".*

Tudo isso é de São Bernardo, ao narrar sobre sua última enfermidade e o ânimo que Deus lhe concedia.

Estando já para morrer, vieram os bispos dos povoados vizinhos, muitos abades e monges. Choravam todos com grande ternura a perda de tão santo padre, mas ele os animava e consolava, e por sua humildade dizia-lhes que já era hora que o servo inútil e sem valor não mais ocupasse em vão aquele posto sem motivo e que a árvore estéril fosse arrancada. Finalmente, entre as lágrimas e as mãos de seus filhos, entregou sua puríssima alma ao Criador em 20 de agosto do ano do Senhor de 1153, na idade de sessenta e quatro anos quase cumpridos. Para enterrá-lo colocaram-lhe sobre o peito, como o próprio padre o havia mandado, uma caixinha com relíquias de São Tadeu, de quem era muito devoto, que haviam-lhe trazido aquele ano de Jerusalém. Costumava dizer que teria por singular benefício do Senhor no dia da ressurreição geral sair do sepulcro em companhia deste santo apóstolo.

Apareceu algumas vezes depois de morto a alguns religiosos, resplandecente e revestido de uma imensa glória, e fêz muitos e grandes milagres, como os havia feito em vida.

Canonizou-o o papa Alexandre II no ano de nossa salvação de 1165.

Foi devotíssimo, conforme dissemos, da bem aventurada Virgem Maria nossa Senhora, à qual teve sempre como farol para sua navegação, e a teve tão favorável e propícia, como se vê no desenrolar de sua vida que aqui expusemos e nos inumeráveis milagres e obras com que edificou, iluminou e assombrou o mundo que, sem dúvida, desta sua devoção para com a Virgem Santíssima jorrarem dele como que riachos de sua fonte. Tinha em seu rosto uma graça maravilhosa e aprazível, mais de espírito que de carne; em seus olhos resplandecia uma pureza angélica e uma simplicidade de pomba; o corpo era tão fraco e consumido que parecia não ter

carne; sua face, corada; o cabelo e a barba, ruivos e, na velhice, brancos; a estatura mediana, mais para o alto do que para o baixo.

Deixou fundados 160 mosteiros de sua Ordem, tão povoados e cheios de tantos religiosos que só no convento de Claraval viviam 770. O que toda a Igreja deve a este santo e glorioso Patriarca pela vida celestial que viveu, pelos exemplos admiráveis de todas as virtudes que deixou, pelas obras e livros dulcíssimos e doutíssimos com que a ilustrou, pelos benefícios singulares e universais que lhe fêz, pelos milagres estupendos que realizou e pela sagrada religião que instituiu, ampliou e estendeu para todas as províncias da cristandade e pelo que seus santos filhos e verdadeiros imitadores de seu grande Pai têm feito e fazem é tanto, que é melhor reverenciá-lo com o silêncio do que diminuí-lo com nosso baixo estilo.

